

## O SERTÃO EM VERSOS: A QUESTÃO AGRÁRIA EM GOIÁS E A POESIA DE CORA CORALINA

**COUNTRYSIDE IN VERSES: THE AGRICULTURAL ISSUE IN THE GOIANO'S COUNTRYSIDE AND THE POETRY OF CORA CORALINA**

***Victor Hugo de Santana Agapito<sup>1</sup>***

***Isabelle Maria Campos Vasconcelos Chehab<sup>2</sup>***

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar de que maneira o trabalho de Cora Coralina pode, de fato, servir como fonte de estudo dos aspectos da questão agrária em Goiás e quais os reflexos dessa sociedade na produção literária da época. Para isso, implementou-se um levantamento biográfico da própria autora, no intuito de contextualizar a sua obra e promover uma melhor objetividade na análise; posteriormente, foram urdidos apontamentos acerca dos aspectos histórico-sociais da questão agrária no estado de Goiás, a fim de servirem de referencial e ponto de partida para a investigação da obra poética da autora. Por derradeiro, a título de resultados, foram analisados poemas de Cora Coralina, com o fito de indicar nuances de agrariedades nas suas narrativas, assim como observar sua constituição e características mais latentes, de modo que se possa averiguar a plausibilidade da proposta/objeto inicial desse escrito.

**Palavras chaves:** Direito; Literatura; Questão Agrária; Cora Coralina; Goiás.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze how the work of Cora Coralina can, in fact, serve as a source of study of aspects of the Agrarian Question in Goiás and what the reflexes of this society in the literary production of the time. For this, a biographical survey of the author herself was implemented, in order to contextualize her work and promote a better objectivity in the analysis; later, notes were drawn up on the historical-social aspects of the agrarian issue in the state of Goiás, in order to serve as a reference and starting point for the investigation of the author's poetic work. Finally, as a result, poems by Cora Coralina were analyzed, with the aim of indicating nuances of agrarians in their narratives, as well as observing their constitution and more latent characteristics, so that the plausibility of the initial proposal/object can be ascertained of that writing.

**Keywords:** Law; Literature; Agrarian Question; Cora Coralina; Goiás.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Direito, Estado e Constituição no Programa de Pós-graduação em Direito, Estado e Constituição da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Direito Agrário pelo Programa de Pós-graduação em Direito Agrário da Universidade Federal de Goiás (PPGDA/UFG). Advogado. *E-mail:* victorklavier@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora e Mestra Direito Constitucional pelo Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pós-doutoramento pelo Programa de Pós-graduação em Direito Agrário da Universidade Federal de Goiás (PPGDA/UFG). Professora da ESUP/GO, FACUNICAMPS e IGD. Advogada. *E-mail:* ivchehab@gmail.com;

## Introdução

Especialmente a partir dos anos cinquenta do século XX, com o fenômeno da crescente urbanização e dos clamores comparativos referentes aos pretensos paradigmas de progresso, a realidade agrária brasileira foi sendo constituída/encarada/estigmatizada, por uma maioria prenhe por novidades, como espaço de subalternização. Colocada num patamar de somenos importância, foi redarguida à categoria secundária, como se pouco - ou quase nada - pudesse fazer para colaborar no desvelo e construção de um país mais genuíno, porque pronto a reconhecer - e enfrentar - as efetivas razões e consequências de suas complexidades, desigualdades e intolerâncias.

Um dos singelos, mas portentosos, instrumentos capazes de romper com essa lógica excludente é a literatura, uma vez que carrega consigo, dentre outras possibilidades e serventias, o potencial de lançar luz a realidades – humanas e geográficas – tortuosas e invisibilizadas, bem como de oportunizar voz àqueles sobre quem costumeiramente não se busca – nem se quer – ouvir, condensando tudo isso por meio de uma sensibilidade tendente a aglutinar olhares díspares e permitir empatia, inclusive, aos que são estranhos ou indiferentes aos seus motes de narrativas, na dita vida ordinária.

Nessa senda, emergiram diversas autoras e autores que tiveram a coragem de reforçar e/ou explicitar os seus laços com o mundo agrário, seus personagens e suas lidas. Navegando na contracorrente dos que colhiam louros com os enredos urbanos, que congratulavam o progresso e os novos modos de vida, esses escritores ousaram fincar – ou tornar – suas obras para o mundo rural, o qual, embora tão vivo e complexo, parecia ter sido (quase) extermínado da seara artística-cultural, principalmente com o advento do tal progresso brasileiro, e olvidado dos grandes debates e pelos grandes atores nacionais. Assim, em sentido contra majoritário, fizeram história – e histórias – escritores como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, José Lins do Rêgo e Rachel de Queiroz, trazendo à tona os olhares, os desafios, as especificidades e as dores do contexto agrário, desde o sertão nordestino, passando pelo interior das Gerais, até alcançar os longínquos Pampas.

Dessa cepa, veio brotar, décadas depois, no cerrado brasileiro, os escritos de Cora Coralina. Um ponto fora da reta. Mulher menina ou menina mulher? Até hoje, os literatos buscam essa resposta... Fugiu de todos os padrões que se poderia esperar de uma mulher daquela época. Cora saiu de Goiás muito cedo, mas Goiás jamais abandonou o seu peito – e ela voltou. Fez doces e escreveu versos, falou do seu povo e de si mesma, não se furtou a contar (duras)

verdades, mas não se rendeu ao pessimismo. Sua literatura é singela, mas nada simplória. Por meio de suas linhas, retratou o seu tempo – e as suas particularidades. Ali tem muito de literatura no/com/do/para o cerrado, mas também do Brasil agrário, o que nos aponta um bom rumo para a investigação científica no âmbito do Direito e da Literatura, a se concretizar, por meio da presente, valendo-se, para tal, de pesquisa bibliográfica e documental.

Nesses termos, dividiu-se o presente artigo, da seguinte forma: no primeiro tópico, expôs-se um levantamento biográfico de Cora Coralina, no intuito de contextualizar a sua obra e promover uma melhor objetividade na análise de sua história, tendo por norte as categorias: Cora, vida, literatura, gênero e contexto agrário; no segundo, elaboraram-se apontamentos acerca dos aspectos histórico-sociais da questão agrária, especificamente no estado de Goiás, a fim de servirem de referencial e ponto de partida para a investigação da obra poética da autora; por fim, a título de resultados, analisaram-se poemas de Cora Coralina, com o fito de encontrar nuances de agrariedades nas suas narrativas, assim como observar como tais se configuram, destacando-se as suas características mais latentes e arrolando especial ênfase para o entrelaçamento entre a obra de Cora, a questão agrária e os seus reflexos para a sociedade de antanho – e do presente, conforme adiante será explicitado.

## 1.

### **Cora: vida, obra e agrariedades**

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas, mais tarde conhecida pelo seu pseudônimo Cora Coralina, nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, quando essa municipalidade ainda era a capital do estado de Goiás. Filha de um desembargador, de quem ficou órfã dois meses após o seu nascimento, foi criada pela mãe, Jacyntha Luiza do Couto Brandão (QUEIROZ, 2015).

Formalmente, só frequentou a escola até a 3<sup>a</sup>. série do então ensino primário, atual ensino fundamental, contudo, desde tenra idade já escrevia versos, participava de eventos literários e declamava poesias na sua Cidade de Goiás. No ano de 1907, juntamente com Leodegária de Jesus, Alice Santana e Rosa Godinho, fundou o jornal “A Rosa”, um dos meios responsáveis pela divulgação do movimento literário em Goiás, a partir de uma visão feminina – e regional. Foi nesse período também que passou a adotar o pseudônimo Cora Coralina, supostamente para não ser confundida com as diversas outras pessoas chamadas “Anas” de sua

cidade, em especial, quando da publicação do seu primeiro conto, em 1910, intitulado “Tragédia na Roça” (QUEIROZ, 2015, p.46).

Em 1911, apaixonou-se pelo advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, com quem seguiu para Jaboticabal - SP e constituiu uma família. Cora teve seis filhos, dos quais perdeu dois – poucos meses após os seus respectivos partos. Embora dotada de parco tempo para a escrita, em razão do trabalho reprodutivo com a criação dos filhos, Cora não se esqueceu de sua paixão pelas letras e pelas relevantes questões nacionais. Persistiu enviando artigos de sua autoria para os jornais de Jaboticabal e para os da capital paulista. Ademais, merece ser registrada, porque demonstram o seu espírito desbravador e visionário, a sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, para a qual foi alistada como enfermeira e costureira de uniformes, assim como a sua tentativa de fundar, naquela mesma época, um partido político feminino (QUEIROZ, 2015).

Seu esposo Brêtas faleceu em 1934, a partir de quando ela passou a vender livros, alugar quartos de sua casa para estudantes e comercializar comidas regionais. Posteriormente, tentou, por duas vezes, criar e levar adiante lojas de tecidos, empreitada na qual não foi bem-sucedida. Na sequência, já no início dos anos 40 do século XX, adquiriu um sítio e passou a ser lavradora, em Alfredo de Castilho – SP (QUEIROZ, 2015, p. 47).

Em 1951, foi candidata a vereadora na cidade de Andradina – SP, contudo não logrou êxito na sua empreitada política. Cinco anos depois, em 1956, tomou a decisão de retornar sozinha à Cidade de Goiás, o que se firmou como um dos grandes pontos de inflexão da sua vida, não somente com o objetivo de enfrentar o seu passado e ter alguma possibilidade mais efetiva de sustento no contexto que lhe estava posto, como também para resgatar forças, memórias e sonhos e, assim, urdir algum futuro conjugado à escrita (QUEIROZ, 2015).

A partir dali, Cora assentou-se do seu destino, inclusive literário, e tornou a escrever mais assiduamente, com a ajuda de uma máquina de datilografia, que aprendeu a manejar aos 70 anos de idade. As temáticas expressas no papel eram decorrentes das suas vivências cotidianas, em nada extraordinário, mas dotadas de uma sensibilidade singular. Escrevia sobre o que vivia e o que percebia ao seu redor, com ênfase para/na Cidade de Goiás, talvez, por isso tão profundamente genuíno (QUEIROZ, 2015).

Trabalhava quando todos dormiam e, depois de muita persistência, conseguiu, em 1965, aos 75 anos de idade, publicar o seu primeiro livro, intitulado “Poemas dos Becos de Goiás e

estórias mais”, pela Editora José Olympio, no qual compartilha muitas das suas impressões sobre a Cidade de Goiás, o machismo ali (oni)presente, seus costumes, suas desigualdades estruturais, seus becos, sua arquitetura e sua gente. Mais de uma década depois, publicou o seu segundo livro, nomeado de “Meu Livro de Cordel”, no ano de 1976, o qual era uma espécie de homenagem aos cordelistas e repentistas nordestinos, a quem ela chamava de “minha gente”, laureando os seus laços com o Nordeste, decorrentes de suas raízes paternas paraibanas. Ainda, merecem destaque as obras “Vintém de Cobre - Meias confissões de Aninha” e “Estórias da Casa Velha da Ponte”, publicadas, respectivamente, nos anos de 1983 e de 1985. “Vintém” e Cora foram saudados efusiva e nominalmente por Carlos Drummond de Andrade, quem já havia divulgado uma extensa e elogiosa crônica sobre Cora, em 1980, o que findou por projetá-la em âmbito nacional (QUEIROZ, 2015).

Todos os seus demais livros, quais sejam, “Meninos Verdes”, 1986; “Tesouro da Casa Velha”, 1996; “A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu”, 1999; “Vila Boa de Goiás”, 2001; “O Prato Azul-Pombinho”, 2002, foram publicados postumamente, uma vez que aos 10 de abril de 1985, quando gozava de 95 anos, Cora faleceu, em decorrência de uma pneumonia. Sua obra e sua história, entretanto, persistem entre nós (QUEIROZ, 2015).

Para o objeto da presente pesquisa, merecem realce as discussões e narrativas de Cora acerca das agrariedades, notadamente sobre a Cidade de Goiás, destacando-se a sua gente, as suas tradições, as suas comidas, os seus becos e as suas pedras. Cora escrevia sobre o que lhe circundava, realçando sua ambiência e raízes por meio de um olhar simples, sensível e único. Seus versos eram curtos, as palavras eram fáceis e apresentava ideias que, muito provavelmente, pairavam sobre as mentes de vários dos seus conterrâneos – e conterrâneas. Falava, sobretudo, acerca da vida, sem se furtar ao passado e às memórias que dele guardava, mas reconhecendo, sempre, o papel do presente.

Ademais, deve ser registrado que em vários dos seus escritos fez pontuações específicas sobre as mulheres, suas lutas e dificuldades. Aqui ainda não se ousa falar de qualquer conotação feminista ou assemelhada. Apenas reforça-se que, do alto dos seus 70 e poucos anos, e sem desconsiderar, ou, justamente, por levar em conta todos os desafios pessoais que enfrentou pela condição feminina, não se furtou de trazer essa questão à baila nem de expor as suas inúmeras projeções nas vidas e nas histórias das mulheres, inclusive e pontualmente, na Cidade de Goiás.

Ainda, cuida-se de expor, porque relevante para a análise de sua obra, sobre os registros de troca de correspondências entre Cora Coralina e Monteiro Lobato, por volta de 1930, quando

ele, já de certo modo conhecido, é instado pela autora, em forma de petitório, a contribuir para o reforço e valorização das produções culturais e artísticas que versavam sobre a temática regionalista no Brasil. Aquele mesmo Brasil agrário, que, para muitos, era invisibilizado; mas para Coralina nunca o foi. Prova disso é que nunca faltou, nos escritos Cora, uma ode ao Brasil regional, à sua cultura e ao seu povo.

Por derradeiro, em proposta de síntese, pode-se firmar que Cora Coralina foi uma mulher goiana, poetisa, guerreira, que teve que enfrentar muitos desafios e senões, desde o seu nascimento, passando pelo seu casamento, por inúmeras perdas afetivas e desventuras profissionais, até alcançar algum êxito com os seus escritos. Decidiu, corajosamente, já com idade avançada, por reconstruir sua vida e seus sonhos. Retomou – e ressignificou - o seu ideal antigo de escrever poesias, voltando para sua terra natal. Ali, quando tudo parecia perdido e ninguém mais acreditava, ela acreditou. Juntou o que tinha aprendido na vida, com suas raízes, sua cidade, suas memórias, suas dores femininas, os costumes de sua gente e colocou tudo isso no papel, em formato de verso e prosa. Por meio da obra e da vida de Cora, apreende-se acerca de uma escrita que pode ter significado profundo, embora que dotada de linguagem e formato singelos; do interior brasileiro, com suas particularidades, mas que não é somente de/sobre Goiás, como também de muitos rincões desse país, testemunhos das desigualdades estruturais, leia-se: classistas, racistas e machistas; das dores resilientes que marcam as mulheres, especialmente aquelas que, de algum modo, fogem ao “padrão” estabelecido pela cultura patriarcal (ainda) tão vigente; e, ainda, de como as teimosias, diante das batalhas e derrotas da vida, podem forjar arautos/sujeitos de novos tempos.

## 2.

### **O cotidiano agrário no sertão goiano**

Apesar de a ocupação de terras no Brasil ter se dado desde o início da colonização, através do sistema de Sesmarias, somente a partir da descoberta do ouro em solo brasileiro, entre os anos de 1723 e 1725, que Goiás passou a fazer parte, significativamente, do processo de colonização português no Brasil (SILVA, 1996). Ademais, o Planalto Central já era povoado por sociedades fixas cuja subsistência se pautava na produção de cerâmica e na agricultura, mais especificamente no cultivo de mandioca, algodão, fumo e milho, além da busca de alimentos vegetais nativos, a caça e a pesca. Sendo assim, durante o processo de ocupação do território brasileiro, os colonizadores promoveram a captura de grande parte dos indígenas a

fim de que trabalhassem no sistema de produção vigente e dessa forma esses nativos tiveram seu primeiro contato direito com jesuítas e bandeirantes (COELHO, BARREIRA, 2006).

Com a efetivação da exploração aurífera na capitania de Goiás, durante a segunda metade do século XVIII, houve o que seria uma espécie de ‘reocupação’ desse território, eis que são construídos uma infinidade de arraiais e caminhos, muitas das vezes a partir de espaços que, até então, pertenciam aos povoadores aborígenes. Essa atividade mineradora foi implantada, desde a sua instalação com o auxílio do trabalho de escravos africanos e de etnias autóctones, capturadas e condicionadas ao trabalho compulsório. Paulatinamente, em torno nos arraiais também foram se estabelecendo fazendas de atividade pecuária e pequenos sítios de agricultura que, a princípio, serviam para abastecer os mineradores e as vilas (COELHO, BARREIRA, 2006). Assim, quando a extração do ouro começou o seu declínio, na colônia já era presente uma variedade de atividades econômicas que garantiam relativamente a sua subsistência, iniciando-se, então um processo de “interiorização da economia”, por meio do qual as populações se deslocavam às fazendas, onde crescia a prática da pecuária e agricultura extensivas.

Nessa senda, os livros do registro paroquial constituem a principal, a mais condensada e extensa fonte documental para a análise do processo de ocupação do território goiano durante o período de colonização (SILVA, 2004). Inicialmente, funcionaram como uma maneira de se aplicar a Lei de Terras, por meio da confirmação das posses que tivessem ocorrido preenchendo os requisitos previstos na lei. Além do mais, observando as diversas maneiras como os declarantes descreveram a localização, os limites, a extensão e a situação dos imóveis, é possível mergulhar nos ricos detalhes da situação em que se encontrava a Província de Goiás naquele período.

Foi, pois, nesse contexto, de concentração de terras aliada à situação de fronteira na qual estava a Província de Goiás, que emergem processos de desumanização nas relações interindividuais que viviam – e sobreviviam - nos confins do Oeste brasileiro: “A fronteira em Goiás era o lugar de ameaças, perigos, conflitos e dominação” (SILVA et al, 2015, p. 239). Os senhores de terra e de gado em Goiás assumem, pois, significativo valor interpretativo cujo intuito era garantir a integridade territorial e a autonomia da fronteira. “No dia a dia, o Estado era representado pela elite local, a quem a população sempre devia obediência.” Os senhores de gado compunham a elite da fronteira e sobre ela detinham o controle, tanto no âmbito do Executivo, Legislativo e Judiciário. “A atuação dos coronéis se caracterizava pela defesa dos

“interesses do Estado” mas que na verdade eram a conjunção de interesses privados” (SILVA et al, 2015, p. 240).

É muito proveitoso trazer a narrativa de Saint-Hilaire, naturalista francês, que passou pela Província de Goiás no período do século XIX, sobre a qual descreve as nuances sociais que permeavam a fronteira, a vastidão geográfica e, também, a barbárie:

Juntamente com a numerosa população que se estabeleceria, como por artes mágicas, na região de Goiás, vieram também os vícios mais terríveis. Bandos de criminosos tinham encontrado naquelas solidões não só riquezas como também a impunidade, e no meio de uma sociedade em formação, onde ainda não existia polícia, eles podiam dedicar-se sem receio a todos os desregramentos. Em vão os magistrados tentavam fazer ouvir a sua voz, para reprimir as desordens. Tão corruptos quanto aqueles que deviam punir, eles só mereciam desprezo. As brigas se sucediam, e nenhum homem ousava encontrar-se com o outro sem estar armado, só deixando de lado as armas quando ia à igreja. (SAINT-HILAIRE, 2004, p. 161-162).

Além da violência do dia a dia, era muito comum que as próprias relações de trabalho também fossem truculentas, a exemplo das relações entre coronéis e camponeses, notadamente no que se referia ao trabalho e posse da terra. Aqui, à título de ilustração e também como forma de mensurar os reflexos dessa estrutura no cotidiano e na cultura local, pode-se trazer a obra do escritor goiano Bernardo Élis, por meio da qual a ficção se mistura com a realidade no conto “A enxada”, onde é contada a labuta de um camponês, Supriano, que por ter apenas sua força de trabalho e não terras e meios de produção, acaba por se endividar em desfavor de um poderoso coronel da região. Assim, acaba por ficar preso à servidão por dívida, tendo que produzir sem as mínimas condições num terreno precário cedido pelo coronel. A trama gira em torno da busca do lavrador por uma enxada e o medo das consequências, caso não entregue a lavoura plantada a tempo. Falhando no seu objetivo, tem sua morte decretada pelo coronel que designa um soldado para o feito, onde se depara com uma situação dramática que o autor descreve assim:

Aí o soldado abriu a túnica, tirou debaixo um bentinho sujo de baeta vermelha, beijou, fez o pelo-sinal, manobrou o fuzil, levou o bruto à cara no rumo do camarada. [...] Do seu lugar, Piano meio que se escondeu por trás de um toco de peroba-rosa que não queimou, mas o cano do fuzil campeou, cresceu, tampou toda a sua vida, ocultou o céu inteirinho, o mato longe, a mancha por trás do soldado, que era o sol querendo romper as nuvens. (ÉLIS, 1979, p. 55)

Em resumo, a estrutura coronelística em Goiás vem a ser estabelecida a partir, sobretudo, do acordo político entre elites que detinham o poder local, em decorrência do descaso do governo federal em intervir na região, seja por falta de interesse ou pela inviabilidade logística, oportunizando que grupos políticos específicos detivessem o controle da máquina estatal na região. Assim, esses acordos se constituíram por intermédio de

facilitações econômicas, poderes absolutos aos coronéis, voto de cabresto imposto à população sujeita e autonomia aos líderes locais, a saber:

Estes três elementos – chefia política municipal, situacionismo estadual e Governo Federal – habilmente coordenados pela política dos governadores, vão formar o tripé de estabilização do sistema político brasileiro, conhecido também como arranjo coronelístico. Cada um destes parceiros vai ser corresponsável pelo funcionamento do sistema e a cada um deles cabem as vantagens que o compromisso oferece. (CAMPOS, 1983, p. 19)

Nesse sentido, o *Sertão* goiano pode ser tratado a partir de referenciais históricos, geográficos, políticos e sociais próprios, na peculiaridade dos seus costumes e hábitos frutos desse contexto. Segundo Amaral (1986), um espaço geográfico, um tempo, uma forma de organização social, um conjunto de características culturais ou um *locus* simbólico de nacionalidade. Originário entre camponeses, soldados e jagunços, sujeito à força e à violência dos coronéis, com aspectos agrários muito fortes, pautado pela luta e o manejo da terra, morada de um sertanejo muitas vezes oprimido, sem perspectivas de mudanças de vida, estático no caminhar do tempo.

E é aqui, nesse período, durante esse contexto, que se constroem aspectos socioculturais que perduram até os dias de hoje no cotidiano do sertão goiano – e de muitas cidades do interior do Brasil: a manutenção de grandes latifúndios que nunca se desfizeram, a concentração de poder na mão de oligarquias rurais advindas do processo de ocupação desenfreado e sem a supervisão do Estado, além da própria situação de fronteira que deixava todos os que ali viviam a mercê da força e da oportunidade daquele que conseguisse dominar.

### **3. O sertão na poética de Cora -Coralina**

Para se entender os elementos sertanejos e as agrariedades na obra de Cora Coralina é necessário, inicialmente, se desprender de divisões antagonistas relacionadas aos processos sociais dos processos literários. Isso porque uma análise sociológica da Literatura tem como intuito o estudo das dinâmicas e dos sentidos sociais da produção artística, de modo que a sociedade não é simplesmente “fotografada” pela Literatura, mas, sim, mediada e até modificada através da reflexão fruto da produção artística dentro do seu contexto estético, social e histórico (FRYE, 1973), de tal modo, a Literatura se torna não só um reflexo, mas também um agente protagonista dessas mudanças.

Ademais, como já dito, o Sertão não diz respeito somente a um recorte geográfico, mas também delimita costumes, hábitos, estruturas socioculturais e tantos outros elementos que fundamentam uma perspectiva constantemente reconstruída na narrativa de Cora. Dessa

maneira, o que se propõe, a partir da busca desses elementos na obra literária, é a da Literatura como uma construção sociocultural, dotada de valor histórico e composta de signos e símbolos bastante reveladores, mas que são impossíveis de se compreender separados do seu contexto.

O primeiro exemplo desses nuances de agrariedades se encontra no poema “Na Fazenda Paraíso”, por meio do qual Cora Coralina expõe um resgate de sua memória, revivendo o sentimento do que ora fora vivenciado, uma espécie de *habitus* do cotidiano sertanejo, onde, pelos seus versos, deixa transparecer o quanto essa dinâmica social estava diretamente atrelada à atividade agrária, e mais: revela aspectos e reflexos cotidianos dessa atividade para além do contexto formal, ou seja, como essa dinâmica se reproduzia na prática (CORALINA, 1985). Uma fazenda herdada de Sesmarias, um dos principais artifícios de aquisição de terras durante o Brasil Colônia, se torna o centro de toda a convivência em torno da qual se desenrolam experiências diversificadas com características muito próprias.

Neste poema, em especial, a autora mergulha no antro da convivência familiar da sociedade sertaneja goiana: a lida de trabalhador/a do campo na lavoura, a importância e o fator determinante do ambiente onde se estabelece o convívio na determinação dos costumes, revela também o papel da mulher nos trabalhos produtivos e reprodutivos, não só sob uma perspectiva de desempenho de atividades, mas também o valor dessas naquele contexto. Menciona, igualmente, a dinâmica campo-cidade, a supervalorização do ambiente rural como lugar de refúgio, a cultura sertaneja hospitaleira, provinciana e tradicional, entre outros pormenores que se revelam quando mais se desnudam os versos.

É importante ressaltar que a relação próxima de Cora com a terra e o cenário agrário em que foi criada, denota uma experiência muito frequente nos autores brasileiros regionalistas da modernidade, principalmente a partir dos anos 30 e 40 (VELLASCO, 1990; FERNADES, 1992). Talvez mais ainda em decorrência da sua própria biografia e dos caminhos trilhados em sua vida, que acabaram se refletindo diretamente na sua poesia. Tal fenômeno está diretamente ligado, inclusive, ao próprio processo de modernização do país, pautado, entre outros fatores, pela tardia urbanização, bem como pela transformação de ideais por qual se passava na primeira metade do século passado:

Tive trabalhadores e roçados. Plantei e colhi por suas mãos calosas.  
Jamais ouvi de algum: “Estou cansado”.  
Fagueiros pela tarde, corriam para o ribeirão.  
Trocavam suas camisas e sentavam para jantar.  
Sempre identificados com a lavoura, interessados,  
preocupados com o tempo bom ou mau.  
Acompanhavam o progresso das lavouras e a festa das colheitas.

Viam com prazer o pão cheio e a tulha derramando,  
embora não tivessem parte naqueles lucros.  
Sentiam o bem-estar obscuro e desprendido  
de todo “peão” que, trabalhando a dia, ajudados pelo tempo,  
veem o lucro da colheita e a vantagem do patrão. (CORALINA, 1985, p. 59)

Nesse pequeno trecho do poema “Nunca estive cansada”, é possível perceber explicitamente como a estrutura coronelística presente no sertão se reflete na poesia da autora, mais sensivelmente, outros elementos também são revelados: a lida do trabalhador com a terra, a labuta diária ao qual está sujeito, não só enquanto sua fonte regrada de renda, mas também com principal e quase exclusivo intuito da sua existência. Em alguns versos cabem o poderio dos grandes proprietários de terras, donos das lavouras, *patrões*, cujos trabalhadores para quem laboravam “viam o lucro da colheita”, de longe, sem participar dele, apesar do “bem estar obscuro e desprendido, e ajudado –quase que somente- pelo tempo”. De certa forma, a lida com a terra, na metáfora do poema, revela, igualmente, uma contradição das relações sociais retratadas, onde a ausência na participação direta nos lucros da lavoura já seria compensada por uma mera participação fantasiosa na produção dos frutos desse trabalho.

Por semelhante modo, há de se trazer à tona “O Poema do Milho”, também de autoria de Cora. Como pontua muito bem Oswaldino Marques: “Nele se contém talvez a mais brilhante poetização da febre genésica vegetal que conheço. É de ver a arte consumada com que a autora goiana transmuta a sua ciência do cultivo da terra em superior, lídima poesia”(CORALINA, 2001, p. 170):

“Lanceado certo-cabo-da-enxada.  
Vai, vem... sobe, desce...  
Terra molhada, terra sarroia...  
- Seis grãos na cova, quatro na regra, dois de quebra.  
Sobe. Desce...  
Camisa de riscado, calça de mescla.  
Vai, vem...  
Golpeando a terra, o plantador.  
(...)  
Cavador de milho, que está fazendo?  
Há que milênios você está plantando.  
Capanga de grãos dourados à tiracolo.  
Crente da Terra. Sacerdote da terra.  
Pai da terra.  
Filho da terra.  
Ascendente da terra.  
Descendente da terra.  
Ele, mesmo, terra” (CORALINA, 2001, p. 161).

É possível perceber como a atividade agrícola assume significativa importância, deixando de ser uma mera ferramenta de trabalho e fonte de sustento para adquirir um valor que beira o sagrado. Além da retratação simples e despojada da própria figura do camponês, a

autora narra expressamente que não se trata apenas de um domínio de exploração, mas de uma espécie de comunhão intrínseca, concepção que talvez possa estar diretamente relacionada à ideia de satisfação inocente vinda deste trabalhador, como fora tratada no primeiro poema analisado -“Nevera estive cansada”-: este, por ser parte da terra, se dá por satisfeito também por ela mesma. E segue: “Planta sozinho, silencioso. Cava e Planta. Gestos pretéritos, imemoriais.. Oferta remota; patriarcal. Liturgia Milenária. Ritual de Paz” (CORALINA, 2001, p. 161), a profundidade e sensibilidade destes versos revela não só a dependência e a sujeição, mas também a ligação estreita, direta e profunda deste sertanejo com esta terra.

Essa mesma atmosfera é ainda mais evidente no místico “A gleba me transfigura” (CORALINA, 1985), onde ela traduz em versos os dilemas centrais do sertanejo goiano: em apenas um poema Cora revive o passado mais remoto da ocupação territorial no cerrado brasileiro, do latifúndio e do poder em decorrência dele. Em tom de reverência e empatia venera o trabalhador sertanejo, sujeito a toda sorte de violência. Olha através dos olhos dessas pessoas, se compadece com sua labuta e se sensibiliza frente à exploração servil do seu trabalho pelos grandes senhores. Aqui, por igual modo, presta devoção à terra e aos que dela vivem, declara seu amor, comunga com suas paixões e se transmuta no ambiente se tornando novamente parte e todo *da e na* adoração que presta:

“Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado,  
Procriador e fecundo.  
Sinto seus trabalhadores rudes e obscuros,  
Suas aspirações inalcançadas, apreensões e desenganos.  
Plantei e colhi pelas suas mãos calosas  
E tão mal remuneradas  
[...]  
Minha pena(esferográfica) é a enxada que vai cavando,  
É o arado milenário que sulca.  
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado.  
Cheiro de currais e gosto de terra.  
[...]  
Amo a terra de um amor velho consagrado  
Através de gerações de avós rústicos, encartados  
Nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.  
A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.  
Identificada com seus homens rudes e obscuros,  
Enxadeiros, machadeiros, suas limitadas aspirações.  
Partilhei com eles de esperança e desengano”( CORALINA, 1985, p. 107-109).

Já no poema “Do Beco da Vila Rica”, do livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (CORALINA, 2001) a autora vai além do âmbito rural do cenário sertanejo: é possível perceber como torna claras as relações presentes na sociedade da época também no meio urbano, algo que ocorre, inclusive em várias alturas de sua poesia, onde a alegoria do *beco* serve de cenário para os dramas dos seus personagens transitando livremente no seu imaginário

traduzindo os dilemas da vida na cidade. O beco se torna o palco e ao mesmo tempo os bastidores do cotidiano dessas pessoas, é o espelho de tradições e contradições, de costumes, conflitos, incertezas e tudo o que mais poderia permear a vida daquela gente:

“No beco da Vila Rica,  
ontem, hoje, amanhã,  
no século que vem,  
no milênio que vai chegar,  
terá sempre uma galinha morta, de verdade.  
Escandalosa, malcheirosa.

[...]

No beco da Vila Rica tem  
velhos monturos,  
coletivos, consolidados,  
onde crescem boninas perfumadas.

Beco da Vila Rica...

Baliza da cidade,  
do tempo do ouro.

Da era dos “polistas”,  
de botas, trabuco, gibão de couro.

[...]

A estória da Vila Rica  
é a estória da cidade mal contada,  
em regras mal traçadas.

Vem do século dezoito,  
Vai para o ano dois mil.

[...]

Muros sem regra, sem prumo nem aprumo.

[...]

Pertencem a velhas donas  
que não se esquecem de os retalhar  
de vez em quando.

E esconjuram quando se fala  
em vender o fundo do quintal,  
fazer casa nova, melhorar.

E quando as velhas donas morrem centenárias  
os descendentes também já são velhinhos.

Herdeiros da tradição

- muros retelhados. Portões fechados” (CORALINA, 2001, p. 96-98).

Fica evidente, pois, o uso metafórico e até simbólico do beco como uma alegoria e um demarcador de limites, tanto geográfico quanto social. O beco é - e sempre será - o local fétido, marginal, segregado, “hoje, amanhã, no século que vem, no milênio que vai chegar, onde “monturos coletivos consolidados” ainda eram capazes de fornecer terreno fértil ao crescimento de flores silvestres de beleza admirável. Entretanto, é esse mesmo beco que faz nascer seu amor pelo que há de belo perante o aviltamento: as boninas perfumadas, frágeis, mas inevitáveis. “O que é ser poeta? Eu digo: o poeta é aquele que olha um monte de lixo e tira desse lixo a poesia da vida, da vida do lixo”, como disse em entrevista a Vicente Fonseca, em 1982.

O beco também é o reflexo das desigualdades, oligarquias e concentração de poder, “do tempo do ouro”, “vem do século dezoito”, e “vai para o ano dois mil” a autora profetiza, onde

famílias tradicionais concentram riquezas e conservam, através de gerações, o tradicionalismo que assola a desigualdade, a violência e a segregação dos que não são dos seus. Muitas vezes abandonado e reduto de tristeza, também é o depósito do que era considerado o esgoto da cidade, tanto no sentido conotativo quanto denotativo. Cora Coralina alude aos becos o “lugar de gentinha”, da pobreza, da marginalização:

Conto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal afamados  
onde família de conceito não passava.  
“Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.  
De gente do pote d’água.  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas  
na sombra triste do beco.  
Quarto de porta e janela.  
Prostituta anemiada,  
solitária, hética, engalicada,  
tossindo, escarrando sangue  
na umidade suja do beco (CORALINA, 2001, p. 93-94)

Outro exemplo do olhar minucioso e crítico da autora está na crônica “O cântico da volta”, por meio da qual fica clara a permanência no imaginário social das pessoas as velhas estruturas vigentes na sociedade da época, mesmo se passando anos desde sua partida da cidade de Goiás:

A cidade-mãe nem me surpreendeu, nem me desencantou. Conservada, firme, bem empostada, tem recatos de mistério, tem feitiço de prender. [...] Sentiu com altivez o tremendo impacto da mudança. Não se despovoou nem se desagregou com a grande espoliação. [...] E a gente da velha ala? Enraizada como velhas figueiras, agarrada às tradições e aos encantamentos da terra, sustentáculos, colunas, e cariátides; embasamento, concreto e arcabouço, amparo e anteparo da cidade frustrada. Velhas sentinelas que morrem no posto de honra (CORALINA, 2001, p. 102-108).

Segundo Ademar Duarte Fraga, em sua dissertação de mestrado, o tradicionalismo é um dos sustentáculos das dinâmicas sociais no sertão goiano, especialmente da cidade de Goiás, sobre qual fala o trecho literário mencionado, visto que como “uma dimensão da vida social, a tradição se impõe como um valor da maior importância, porque não é apenas o passado: é, sobretudo, uma realidade que confere estabilidade e continuidade ao modo de vida e à cidade” (FRAGA, 2005, p. 37). Em consonância, toda a poética de Cora Coralina se desenrola muito além dos espaços reconhecidos tradicionalmente na cidade, uma vez que “é significativa a identidade de Cora com a cidade que não corresponde à do cartão postal. Ao contrário,

distancia-se da visão romântica da velha cidade e dirige seu olhar para os espaços obscuros, esquecidos” (ALENCASTRO, 2003, p. 91).

Dessa maneira, é incontroversa a gama de possibilidades interpretativas acerca de uma obra literária, muito mais quando se trata de um trabalho tão vasto e rico de detalhes como é a literatura de Cora Coralina. Uma escritora da sua dimensão e sensibilidade tem o poder de servir ao seu leitor muito mais do que arte: ao se optar por uma abordagem sociológica de suas narrativas, se descobre nos seus versos uma fonte inesgotável para a análise do cotidiano e a possibilidade de se conceber a Literatura para muito além da ficção, como uma ponte para uma realidade que transita entre a poesia e sociedade – e os seus desafios seculares.

### Considerações finais

O que é escrever? Eis aqui uma pergunta que a princípio se parece fácil de responder, mas que basta uma breve reflexão para que um universo de possibilidades se abra diante do seu locutor. A escrita, literária ou não, vem sendo objeto de estudo em diversas disciplinas onde tem mostrado cada vez mais seu valor além do âmbito ficcional: cada vez mais tem se apoiado, a partir de uma análise adequada, em narrativas literárias em busca de informações que revelem nuances que a escrita documental não é capaz de arcar.

Nesse sentido, a Literatura se torna muito mais que um espelho da alma do autor: posto que esse autor seja agente inserido numa sociedade, protagonista de suas dinâmicas, mudanças e contradições, seus trabalhos se tornam, pois, um espelho também dessa sociedade. Neles são encontradas reflexões, são vistos de perto seus dilemas, discorridos de maneira livre e profunda. Na Literatura, rompe-se o limite das convenções sociais, e a imaginação não só é livre para criar realidades paralelas conforme sua necessidade, mas também para divagar sobre a realidade material sob ângulos antes inacessíveis.

Nesse sentido que, ao se debruçar sobre a história de Goiás, suas dinâmicas sociais e seu imaginário, não é possível fazê-lo sem levar em conta também a vasta e rica produção literária de uma das suas maiores expoentes: Cora Coralina. Isso porque, como se viu, não há de se falar sobre sociedade e cultura no sertão goiano sem atravessar o campo penoso das questões agrárias na região: se o Brasil *per* se já é um país que tem sua história diretamente vinculada à luta pela terra, Goiás mais ainda, lugar de fronteira, “terra sem lei”, deixado à mercê da natureza do ser humano, onde a violência e a truculência muitas vezes se tornaram o

cotidiano. Ademais, a literatura de Cora está diretamente relacionada aos costumes e às questões que assolavam seu povo. Constata-se, pois, que o trabalho da autora foi muito além de expressão artística e se tornou uma ferramenta de registro histórico, de análise, crítica e reflexão acerca do seu meio.

Dessa forma, à guisa de conclusão, verifica-se que o artigo trouxe um levantamento historiográfico documental da formação social no sertão goiano, com o intuito de discorrer sobre aspectos e características do seu cotidiano: sendo ali testificado o quanto a vida do sertanejo goiano está diretamente ligada à luta pela terra, aos seus conflitos e suas contradições. É, igualmente, nesse contexto, que se registraram e consolidaram elementos de uma estrutura social que até os dias de hoje assombram o cotidiano, sobretudo, rural, mas sempre excludente.

Por derradeiro, é incontestável concluir que Cora Coralina, como poucos, lançou um olhar certeiro, crítico e necessário sobre uma sociedade, que é parte significativa de um Brasil seguidas vezes invisibilizado, mas demasiadamente presente nas nossas entranhas para ser esquecido, pautada pelo domínio da propriedade, pelas oligarquias familiares, pela autoridade dos chamados “coronéis”, pela desigualdade social e pela situação de vulnerabilidade dos trabalhadores e mais pobres, no mais das vezes, deixados à própria sorte, enfrentando, por gerações a fio, violências e opressões cotidianas e contando com parca - ou inexistente - guarda do poder estatal. Realidade que, infelizmente, persiste pelo Brasil afora – e precisa, mais do que nunca, ser lida, conhecida e superada, tal qual prenunciado por Cora (coragem) Coralina.

## Referências

- ALENCASTRO, Jane de. *Memórias de Aninha*. In: ----- *Leitura: teorias e práticas*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.
- AMARAL, Custódia Selma Sena do. *A categoria Sertão: um Exercício de Imaginação Antropológica*. UNB. Mimeog. 1986.
- CAMPOS, F. I. *Coronelismo em Goiás*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1983.
- COELHO, José Braga; BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes, 2006. “*Goiás: uma fronteira aberta*”. In: II Encontro de Grupos de Pesquisa: Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Sócio espaciais, Uberlândia – MG. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/engrup/iiengrup/pdf/t27.pdf> Acesso em: 30 abril. 2020.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 3 ed. Goiás: UFG Editora, 1985.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.* 20. ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

CORALINA, Cora. *Villa Boa de Goyaz.* São Paulo: Global, 2001.

ÉLIS, Bernardo. *Veranicos de janeiro.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

FERNANDES, José. *Dimensões da literatura goiana.* Goiânia: Cerne, 1992. FONSECA, Vicente; LACERDA, Armando. *Cora Doce Coralina.* Filme documentário. 1985.

FRAGA, Ademar Duarte. Goiás, *Patrimônio da Humanidade: aproveitamento socialmente compartilhado ou exclusão social?* Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2005.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica.* São Paulo: Cultrix, 1973.

QUEIROZ, Christie. *No mundo de Cora Coralina.* 5 ed. Goiânia: CMQ, 2015.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco.* Belo Horizonte: Itatiaia, 2004. p. 161-162.

SILVA, E. J. *Sesmarias: capitania de Goiás 1726-1770.* (Dissertação de Mestrado). Goiânia, 1996.

SILVA, Maria Aparecida Daniel da. *TERRA “SEM LEI, NEM REI”: Goiás (1822-1850).* (Tese de Mestrado). 2004.

SILVA, S. D. e; MOURA, T. T. R. L. de; CAMPOS, F. I. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 234-259, jan./jun. 2015.

VELLASCO, Marlene Gomes de. *A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina.* Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 1990.